

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

POEMAS  
MARÍTIMOS



POEMAS SOBRE O MAR - VOL. IV

**ORGANIZADOR**

# **ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-09188-4**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

CATADORES DE CONCHA, POR BRUNA ESTEVES, PÁG. 05

FÓSSIL, POR CAMILA CONCATO, PÁG. 07

A BARCAROLA, POR DANIEL BEDONI, PÁG. 09

MAR EM PRANTO, POR JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA, PÁG. 14

MAJESTOSA CRIATURA, POR MEIRE MARION, PÁG. 16

SEMPRE MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 18

O BARULHO DO MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 20

FAZER E DESFAZER, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 22

SEGREDOS DO MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 24

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 27



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

POEMAS  
MARÍTIMOS



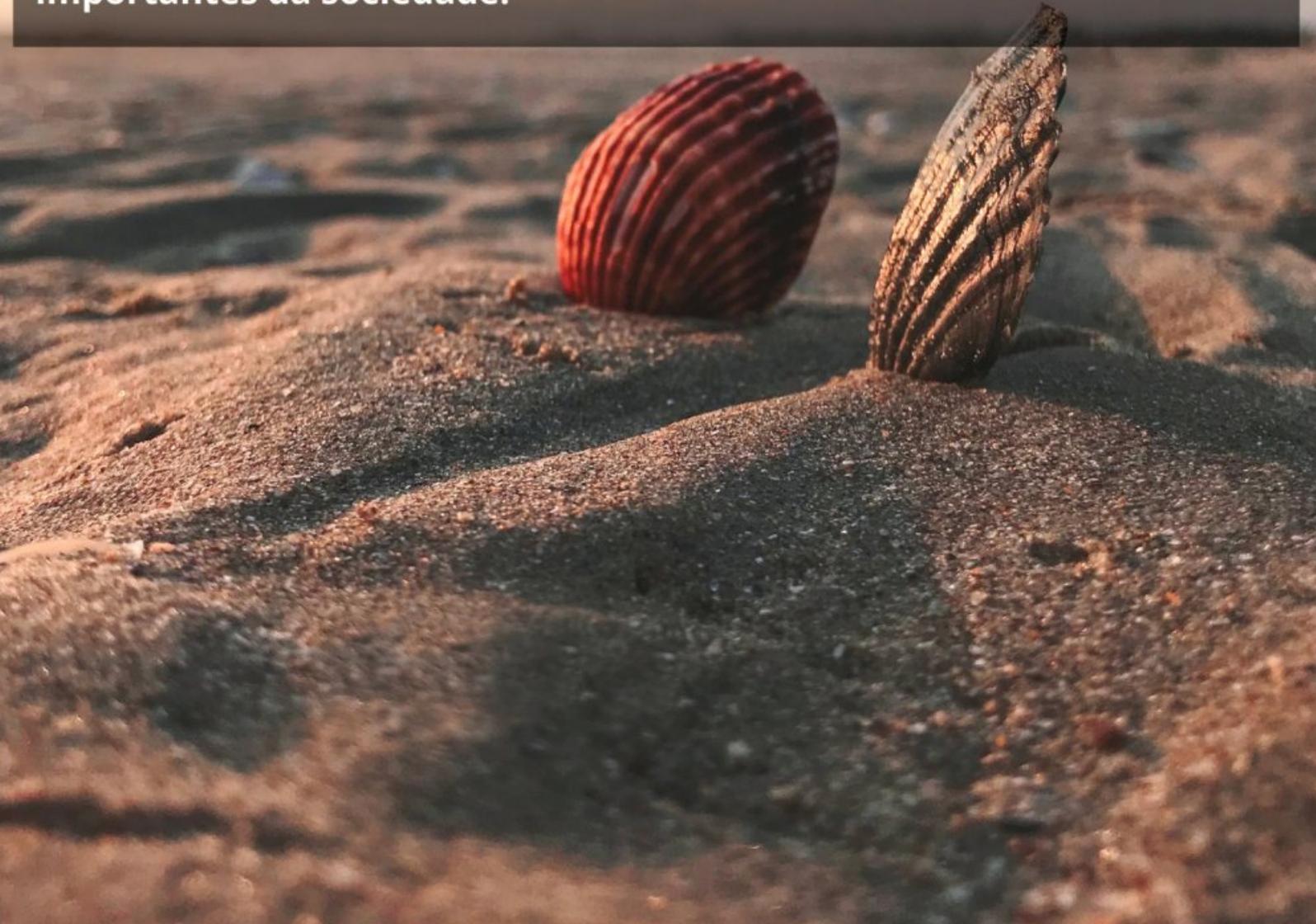
POEMAS SOBRE O MAR - VOL. IV

A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Catadores de concha

Por Bruna Esteves

Bruna Esteves, jornalista e escritora baiana, publicou seu primeiro livro "As Nuances do Amor", da Editora Versiprosa, em 2023. Publicou textos em diversas coletâneas da Editora Persona; publicou poesias na antologia "Eu Poético", da Editora Holandas; publicou contos em coletâneas da Editora Perse; publicou poemas na Editora Tenha Livros; publicou um conto na Editora Olympia e muito mais. Há quatorze anos escreve no seu blog em que debate diversos assuntos importantes da sociedade.



A vida me pede pressa  
Ando vagando pelas incertezas  
Dos caminhos que trilho só.

Percorro caminhos jamais conhecidos  
Em cada destino um novo horizonte,  
Um lindo amanhecer.

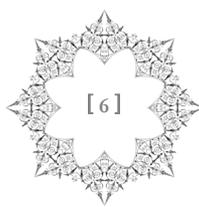
Sou as viagens que fiz  
As pessoas que conheci  
Os lugares por onde passei.

Coleciono recordações e momentos  
Apetrechos que carrego na alma  
Como se fossem conchas do mar.

A vida é feita de pequenos fragmentos  
Alguns frágeis, outros mais resistentes  
Faço um colar de búzios para me exibir.

A vida, assim como o tempo, não para  
Está num constante vai e vem das ondas  
O belo da vida está em mergulhar profundamente.

Na praia com os pés descalços,  
Contemplo a vasta imensidão do oceano  
Sigo catando conchas do mar a meu bel-prazer.

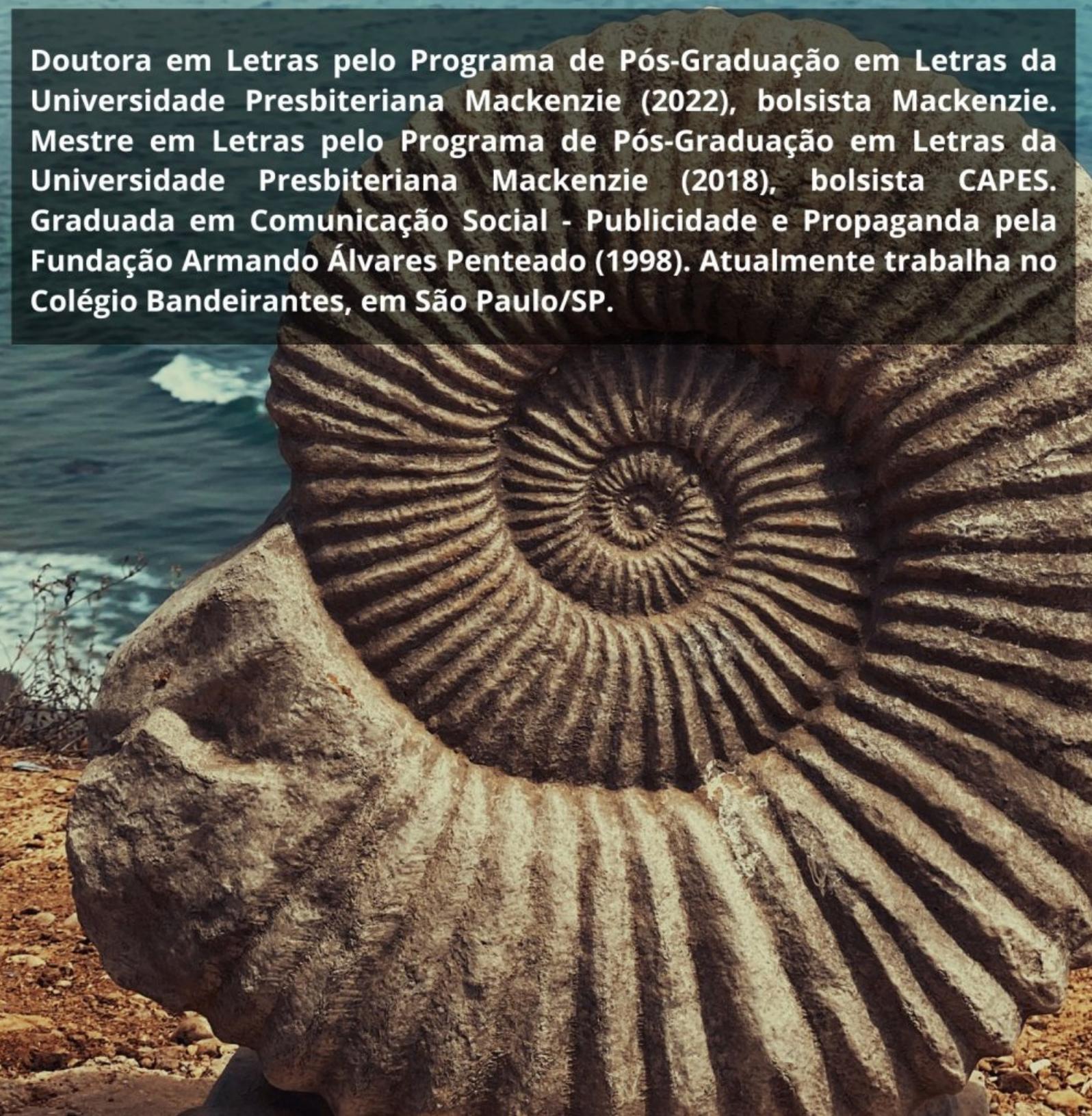


A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

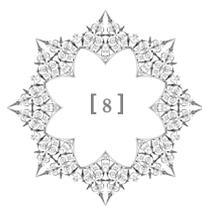
# Fóssil

Por Camila Concato

**Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2022), bolsista Mackenzie. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018), bolsista CAPES. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (1998). Atualmente trabalha no Colégio Bandeirantes, em São Paulo/SP.**



O fóssil marinho  
Do mundo das águas traz  
Histórias perdidas



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A Barcarola

Por Daniel Bedoni

Daniel Bedoni é baiano de Vitória da Conquista, catingueiro, escritor, professor, artista, graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista (entre 2005 e 2010), atua como professor efetivo de Língua Portuguesa – Redação pela Seduc, Tocantins, na cidade de Colmeia. Pai orgulhoso de uma filha, possui um livro publicado pela Editora Telha (Rio de Janeiro), intitulado "A Balada dos Escorpiões" (2023).



*E a vida avança sobre nós  
Como serpente faminta...*  
(José Cândido Póvoa, poeta tocantinense)

I

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que o Dado entrou em casa sem ser visto, sacou da mochila a Smith & Wesson  
Que lhe fora emprestada pelo dono da boca  
Para o assalto que deveria ser realizado mais tarde, enfiou-a na boca e atirou.

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que o pai do Dado arrombou a porta de seu quarto,  
E viram ele e sua esposa o corpo inerte do filho amado  
Estirado sobre a cama, e sangue, e miolos *partout*.

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que o corpo do Dado foi trazido para um casarão na Avenida Vieira Souto,  
E o Dado foi pranteado, e amado, e lamentado, e comentado,  
E recebeu a brisa salgada de Ipanema.

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que o Dado foi velado numa mansão da Avenida Vieira Souto,  
Sob os olhos desesperados de sua mãe e o assombro de seu pai,  
Desgraçados que Deus desamparara.

Eram 3:30 da tarde quando enterraram o Dado em seu *Fursac* verde,  
Num caixão branco de madeira de lei. Sob a terra molhada de um cemitério de luxo,  
Ora jaz o Dado em seu *Fursac* verde, verde como seus olhos,

Como as águas do mar calmo de Jericoacoara no verão,  
Como as safiras dos brincos que sua mãe usava  
Quando mandara abrir o pomposo ataúde para ver o filho amado por derradeira vez  
E, num ato de desespero, apertou-lhe mão e antebraço vivamente  
E perguntou-lhe: “Por quê, meu filho? Por quê?”

II

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que Monsieur-Dame se arrumaram para a missa de sétimo dia  
Em homenagem ao Dado, que fora enterrado em um lindo *Fursac* verde,  
Verde como seus olhos, como o mar calmo de Jericoacoara, como as safiras de sua mãe,  
A qual então vestia pesado luto.

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que a Madame-Mãe-do-Dado procurou, indômita,  
Na favela disforme, uma antiga empregada  
Com um pedido guardado em seu dilacerado colo materno, um segredo.  
Trazia, em pequena caixinha de madeira verde, um grande tesouro:  
A mecha do cabelo do Dado que ela cortara quando fizera um ano de vida.

A Madame-mãe-do-Dado então, suplicante, em prantos, implora:  
*Lucinda, por Deus, pelo meu filho que você ajudou a criar,  
Aqui trago a mecha do cabelo do Dado que cortei quando fez um ano de vida.  
Eu te imploro: bota numa pequena jangada e manda-a pra tua mãe Yemanjá,  
Pra que ela o receba e cuide de meu filho, agora que eu não posso mais!*

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que a quituteira Lucinda de Yemanjá e uma madame rica de Ipanema  
Prantearam imensa dor e soluçaram desesperadas sobre uma caixinha de madeira verde.

III

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que a Madame-Mãe-do-Dado assistiu à cerimônia na qual Lucinda,  
Juntamente com alguns companheiros de jornada, depositava  
Uma caixinha de madeira verde em pequena barcarola azul e branca,  
Na qual havia pente, espelho, flores e perfumes.

*Odoyá!*

*Odoyá!*

*Salve Yemanjá, a Rainha do Mar!*

*Salve!*

*Salve a Kalunga grande!*

*Salve!*

*Salve todo o povo do mar sagrado!*

*Salve!*

Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que a Madame-Mãe-do-Dado assistiu,  
Sob sons de atabaques e agogôs, de palmas e cantorias, à barcarola azul e branca de  
Yemanjá a levar a caixinha de madeira verde que continha  
A mecha que ela cortara do Dado quando fizera um ano de vida.  
Lucinda e seus irmãos de jornada tocavam e cantavam respeitosos  
Enquanto a barcarola azul e branca  
Singrava morosamente as águas do mar salgado na praia de Ipanema.

IV

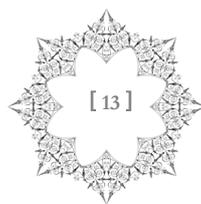
Foi sob tirânico crepúsculo de um dia qualquer,  
Como muitos que têm havido desde o esplendor de Micenas,  
Que a Madame-mãe-do-Dado recebeu desengonçada e malvestida moça

Em seu palacete da Avenida Vieira Souto.

Ainda pesava sobre o casarão de sete suítes

Nefasto luto quando a amundiçada moça, grávida de um mês, vinha em busca de serviço

De lavadeira como filha solitária do desespero e do Morro dos Dois Irmãos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Mar em pranto

Por Juliana Ferreira de Almeida

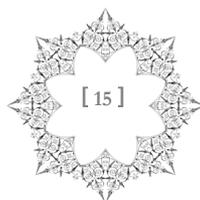
Juliana Ferreira de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Formou-se Médica-Veterinária em 2002, pela Universidade Federal Fluminense – UFF, onde atua como professora desde 2009. Autora do livro Bem-estar Animal e a Sociedade – Guarda Responsável de Animais de Companhia, publicado em 2020. Amante da natureza e dos animais, impulsionada pela arte de viver.



Brisa suave de outono  
Calor do sol sentido no corpo  
Pés tocando a areia  
Encontro com o oceano

Mãos que tocam suas águas  
Olhos cerrados em oração  
Agradeço a sua presença  
Que me toma de emoção

Preenchida por ti  
Na abundância de seus encantos  
Pensamentos dispersam  
No desalento, no pranto.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Majestosa criatura

Por Meire Marion

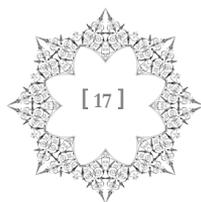
**Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O menino que não sabia de onde veio (2020) Dois Gatinhos (2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.**



No mar profundo, a baleia dança,  
Nadando livre, em sua elegância sem-fim.  
Sua canção ecoa, encantando a esperança.

Em suas águas azuis, um mamífero gigante gentil,  
Guardiã dos segredos do oceano infinito.  
Majestosa criatura, em seu reino sutil.

Baleia, ser admirável, em sua imensidão,  
Símbolo de serenidade, força e proteção.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Sempre mar

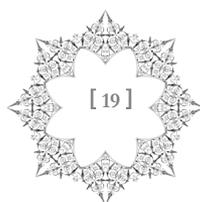
Por Sellma Luanny

**Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).**

Das suas calmarias... ou das suas  
espumosas ondas... que nas rochas  
batem, quebram e se desfazem...  
e em mornas tardes e enluaradas  
noites, na areia da praia espraiam...  
magia e mistério, ostenta!  
A refletir o firmamento...  
para épicas e prazerosas  
aventuras, convida.

Em variadas imagens e da minha  
favorecida janela, o admiro...  
e dúvidas nunca deixa... extenso  
e supremo, nada o domina ou ofusca...  
Se o sujamos com humanos detritos...  
pelas suas costas, os retorna...  
a mostrar e desnudar  
o desconforto dos seus seres.

Mar, sempre mar!...  
Que por imensurável tempo  
de um límpido céu  
a certeza de um porvir  
de saudável beleza,  
possa azulado continuar...  
Que pela sua constância e providência,  
inspirador permaneça!  
Que continue a ser grandeza  
e para tantos, lar!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# O barulho do mar

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

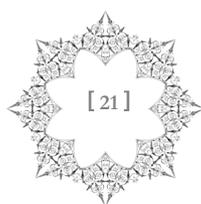
É como se falasse...  
não é o querer conversar...  
mas com as rochas, as areias  
e os seres das costas  
é como se dialogasse.

Não seria satisfatório  
somente o mundo  
circunavegar.  
Na interação com seres  
e inertes... sonoridade.

Audível e inspirador  
nesse imiscuir com outros...  
como se a provocar  
a chamar... como se na vaga  
a afirmar, murmura.

E no seu bradar...  
no seu ondular, no bater  
ou espraiar na interface  
no aparente diálogo,  
o dissolver, permitindo.

Como um berço... a exuberância  
de atóis e corais e falésias  
e grutas e todas as encostas...  
E os seus habitantes  
dialogando com o mar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Fazer e desfazer

Por Sellma Luanny

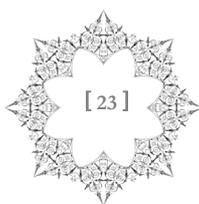
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Foi numa manhã,  
há não muito tempo atrás...  
que após mais uma noite escura,  
a terra espreguiçou  
e um bocejo de energia  
projetou ao azul.

Ainda preguiçosa do sono,  
esquecida estava que pelo mar,  
coberta se encontrava.  
E este, assustado pelo repentino despertar,  
esbravejou e jogou-se no espaço,  
em comoção gigantesca.

Inocente mar, sem saber que  
fertilizado pela terra, fora!  
Criando filha própria -  
uma recém-nascida onda gigante -  
que tal qual uma criança sem controles,  
saiu aos tropeços,  
pisando e marcando à sua volta.

E mais uma vez  
a Natureza a mostrar,  
que os seus acasos e equilíbrios são,  
de quaisquer criaturas ou viventes,  
autônomos e independentes.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Segredos do mar

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Vejo-o e pela sua grandeza  
o admiro com o coração  
a pulsar... sempre.

A sua profundidade que  
tantos segredos guarda  
limita a minha mente.

E as minhas remotas origens,  
das quais não me lembro,  
no seu seio criadas... e vindas.

Em éons, dissipou-se  
qualquer memória, na extensão  
que a mim chegou.

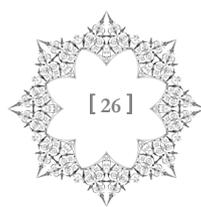
Na sua complexidade  
meios para a Vida, proveu...  
que se iniciou e se estendeu...

mudando, transformando  
se extinguindo... para novas  
se afirmarem... belas.

Aqui estou, neste tempo  
com marcas genéticas  
de perdidos elos – venturosa -,

do que entendendo, não sinto...  
remotos tempos pela paciente  
Natureza, trabalhados.

A revelação das fontes que  
seres formaram e permitiram,  
segredada... dissolvida no mar.



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**